

res aclararia talvez o ponto das duvidas, em que estamos enredados. Eu não os conheço. As informações que delles tenho e quasi sempre d'accordo com as de Pinho Leal, só me permitem concluir que por alli abundam antiguidades dignas de muita attenção.

Guimarães, 5—6—87.

F. MARTINS SARMENTO.

ENSAIOS DE ONOMATOLOGIA PORTUGUESA

(2.º Artigo ¹)

7. O latim *quercus* (carvalho), por meio dos suffixos *-ada*, *-osa*, *-al*, *-ira*, *-edo*, *-eda*, tão vulgares na nossa lingua, deu: CERCADA, CERCOSA, CERCAL, CERQUEIRA, CERZEDA (= *querceta*, vid. § 2), SARZÊDO, SARZEDA, SARZEDAS, e o deminutivo SERZEDELLO (que se deve escrever *Cerzedello*). — O *a* de *Sarzeda*, *Sarzeda* e *Sarzedas* explica-se bem por influencia do *r* vizinho, pois este faz mudar facilmente um *e* atono e surdo em *a*, como se vê em *sargento* = ant. *sergente* (femin. *sergenta*; vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v.), fr. *sergent*, do lat. *serrientem*, — e em varios outros nomes de natureza popular; o *qu*, de *quercus* adquiriu a pronúncia do *c* romanico antes de *e* (cfr. Diez, *Gr. des l. rom.*, 1, 244) e por isso transformou-se de guttural em sibillante. Creio que o fr. *Cerqueux*, que E. Littré (in *Études et Grammes*, p. 217) tira de *sarcophagus*, não é mais do que um derivado de *quercus*, pois o suffixo lat. *-osus* deu em fr. *-eux*.

8. IZEDA, povo em Trás-os-Montes. A etymologia d'este nome é o lat. *iliceta* (de *ilicetum*; vid. § 2), de *ilicx* (azinheira). O *c* mudou-se em *z*, como vimos nos §§ 2 e 7; o *t* abrandou-se em *d*, como em *azedo* = *acetum*, etc.; o *l*, que estava entre vogaes, foi syncopado, como em *saudação* = lat. *salutationem*, *vidoeiro* = lat. **betularium*, etc.; os dois *ii*, que ficarão juntos, pela queda do *l*, formaráo uma crase, como em *vir* = ant. *viir*, etc. Assim: *Izeda* ≤ **Iizada* ≤ **Iliceta* ≤ *iliceta*. — Para se designar um terreno plantado de arvores, alterão-se frequentemente os suffixos *-eda* e *-edo* (cf. §§ 2 e 7), talvez com a unica differença de um indicar maior grandeza do que o outro; na nossa lingua, *janéllo* (masculino) é menor que *janélla* (feminino), *saxôlo* (masculino) menor que *saxóla* (feminino), *cancéllo* (masculino) menor que *cancélla* (feminino), etc. De um modo geral, os masculinos referem-se a objectos menores que os femininos. Cfr. o magnifico trabalho *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise*,

¹ Vid. *Rev. Lusit.*, pag. 45.

pag. 58. de Gonçalves Vianna, que fez uma observação igual á minha. — Talvez tambem o nome ZEDES tenha a mesma etymologia; admitindo um sing. **zede*, este podia corresponder a **izedo* (= *ilicetum*, como IZEDA = *iliceta*), pelo mudança de -o em -e (cfr. § 1, MELRE = *melro*), e apherese do *i* (o que é semelhante ao pop. Zabel = *Isabel*, etc.).

9. Do lat. *avellana* (avellã) provierão directa ou indirectamente muitos nomes de terras, os quaes ás vezes se tornarão appellidos. Com os suffixos -oso e -eda (cf. §§ 3 e 7) temos AVELLANOSO e AVELLANEDA; d'aquí provierão (por syncope do *n*, o que é vulgar entre vogaes) **avellaoso* e **avellaeda*, que se transformarão (pela redução de *ao* a *o*, e *ae* a *e*) em AVELLOSO e AVELLEDA; d'aquí provierão (pela apherese do *a*, tão vulgar em casos semelhantes) VELLOSO (e VELLOSA) e VELLEDA (e VELLEDO). Por processos phoneticos semelhantes, e por junção dos suffixos -ade (-ar), -ada, -eiro, -eira, -ida e (ao que parece) -ide, o que tudo se encontra em nomes de terras, se formirão: AVELLAL, VELLAL, AVELLAR, AVELLADA, AVELLEIRO, AVELLEIRA, VELLIDA e VELLIDE. — Em ant. port. ha as fórmias *avelana* e *avelaneyra*, como se vê dos seguintes versos do *Cancioneiro Português* da Vaticana:

So aquestas avelaneyras floridas
So aqueste ramo d'estas avelanas. ¹

Ainda que se suppuzesse que estas graphias com *n* tanto podião denotar a nasalisação vocalica (*avelã*, *avelãeira*), como realmente a pronuncia do *n* dental, isso não fazia nada ao caso, porque entre o lat. *avellana(m)* (acc. de *avellana*) e o moderno português *avellã*, houve *avellana* e *avelã*. Em hisp. ha hoje ainda *avellana* (pron. *avelhana*), e no sub-dialecto mirandês de S. Martinho de Angueira (Tras-os-Montes) diz-se tambem *avelãna*; estas duas fórmias representão uma portuguesa archaica *avellana*. A fóрма alto-beirã (i. é, da Beira-Alta) correspondente á litteraria *avelleira* é *avelãzeira* (= *avellanzeira*); o *z* está aqui intercalado, como em *romanzeira*, *cãozinho*, *lanzinha*, etc.

10. Em vez do lat. *malum Matianum* disse-se na baixa-latiniidade simplesmente *matiana*, já porque o plural neutro de *malum* tomou a significação sing. femin. (cf. §§ 2 e 7-8), já porque o appellativo *Matianum* substituiu o nome proprio do objecto a que elle se referia. ² De *matiana* proveiu *maçã* em virtude de uma fóрма que

¹ *Canti antichi portoghesi* di E. Monaci, Imola 1873, pag. 5.

² Mais exemplos: em vez de *molossus canis* temos *molosso*; em vez de *cão gallico* (*gallicus*, da *Gallia*) temos *galgo*; em vez de *pomo persico* temos *pêssego*, (que se escreve incorrectamente *pecego*; os antigos escrevião ainda com *ss*), como o proprio Camões diz nos *Lusiadas*, ix, 58,

O pomo que da patria Persia veiu:

hoje se acha representada nos dialectos de Tras-os-Montes por *maçana*. Na forma *matiana* (lede *maciana*) ou *maçana* assentão os derivados seguintes: MAÇADAS (com o suffixo *-ada*, como AVELLADA, CARVALHADAS, CERCADAS, SOBRADA, etc.), MAÇAINHAS, MAÇAL, MAÇANICAS (de mín. com o suffixo *-ico* muito vulgar em alguns dialectos ainda hoje), MACEDA, MACEDINHO, MACEDO (nome local e appellido), MACEDOS, MACZEIRA, MACEIRAS, MACEIRINHA, MACIDO e MACIDE (suff. *-ido* e *-ide*, que está a par d'aquelle; cf. § 9), MACIEIRA (nome e appellido), MACIEIRAS, MACEIRINHA, MACEIRINHAS, MACEIRO, MACEIROS. Os processos phoneticos e morphologicos d'estas derivações ficão em parte já estudados nos §§ precedentes: notarei apenas que *ie* (por ex. em MACIEIRA) se reduziu a *e* (por ex. em MACEIRA) como na forma comum *maceira* = *maceira* (que se usa na Beira-Alta, onde se pronuncia *maciêira*) = lat. **matianaria*, e que *ae* (por ex. em MACIEIRA = **Maciæira* = **maciæneira* = **matianaria*) se reduziu a *e* como no pop. baixo-duriense (i. é, do Baixo-Douro) *kênda*, por *quenda* = ant. *caenda* (= lat. *caenda*). — As fórmãs precedentes tanto podião assentar todas directamente em *matianu* (e neste caso remontavão á epocha pre-historica da nossa lingua), como umas nesta e outras em *maçana*. A exactidão da etymologia permanece, porém, em qualquer dos casos. — Ao lado de *maçana* ha uma forma antiga, *mançana*, que se encontra em Gil Vicente, *Obras*, II, p. 444 (ed. d'Hamburgo, 1834) nos seguintes versos:

Hum amigo que eu havia
Mançanas d'ouro m'envia,
 Garrido amor!

Hum amigo que eu amava,
Mançanas d'ouro me manda,
 Garrido amor!

Estes versos fazem parte da *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrella*: como Gil Vicente diz que elles são cantados *arremedando os da Serra*, e logo adiante apresenta o mesmo personagem que disse esses versos a fallar *á guisa do Sardoal* (i. é, á maneira da linguagem do Sardoal, povoação que pertence ou pertenceu ao bispado da Guarda), podemos evidentemente ver nessa expressão uma forma popular do sec. XVI¹, que corresponde á castellhana *manzana*; tanto o *n* d'esta, como a nasal de *mançana* (pron. *mãçana*) resultarão principalmente, quanto a mim, de uma influencia do *m* antecederente, como se vê mais em *mã* (= *mã*, que se usa ainda em mirandês, etc.), *mensageiro* (= ant. *messegeiro*), *mim* (= ant. *mi*), pop. *manjor* (= *majór*,

em vez de *herba medica* (da *Medio*) escreveu Vergilio (*Georg.*, I, 215), e outros, *medica*; em vez de *canis laconicus* escreveu Phedro (*Fab.*, V, 10) simplesmente *lacon*. Os exemplos são innumerados, e por isso bastão esses. E' a isto que em Rhetorica se chama *antonomasia*.

¹ Da analyse philologica das *Obras* de Gil Vicente resulta uma abundancia incalculavel de materiaes, quer para o conhecimento das phases archaicas da lingua commun, quer para o da dialectologia antiga. Numa edição que espero fazer d'aquellas *Obras*, e para a qual já tenho alguns elementos, hei-de proceder, quanto em mim caiba, a tal analyse.

do lat. *majorem*), meridion. *ménsa* (= mesa), pop. *manjaroma* (de *majorana*), *mancha* (= mácula); ¹ é para notar que em algumas d'estas fórmulas a nasalisação se produziu em vogal tónica final, e neutras antes de uma consoante continua (sibillante e palatal). — Outra fórmula onomástica está em MACIEL (que é um diminutivo (**macianel* — **macianello*); cfr. CASTEL (em composto) ao lado de CASTELLO, PINHEL ao lado de PINHO, PORTEL ao lado do PORTO, etc. Este diminutivo assentaria pois na fórmula masculina (*matianum*). Assim como ao lado da fórmula *pêra* existe *pêro* (Beira-Alta), que porém é um fructo diverso, nada de admirar que com *matiana* coexistisse *matianum*. Cfr. a última nota a este §. ²

11. Fão, povo no Minho, perto do rio Cávado. — Vejo neste termo um representante da religião dos nossos maiores, pois corresponde perfeitamente, quanto á phonetica, ao lat. *fanum* (sanctuario); o sentido tambem se não oppõe, porque ha no nosso onomastico muitos nomes semelhantes, como adeante direi; o onomastico italiano offerece a fórmula parallela FANO, que provém da antiga FANUM FORTUNAE. — Resta agora saber se *fanum*, no nosso caso, corresponde a um sanctuario pagão, ou a um sanctuario christão: como esse termo não existe com caracter popular na lingua commum, e apenas com caracter erudito em *fano* (poet.), *fandivo*, *fanatismo*, etc., ³ o que prova a origem recente, sou levado a acreditar que elle foi somente empregado na epocha romana, deixando por unico vestigio a designação do local, e que por tanto se referiu a um templo pagão. A ar-

¹ Cfr. um art. meu in *Rev. Scientif.* do Porto, 1882, pag. 199.

² Nas chorographias lê-se ainda MAÇÃO e MAÇAGOSO. Não me posso declarar positivamente ácerca d'estas fórmulas; todavia talvez MAÇÃO venha de *matianum*, que neste caso conservaria o genero neutro e o numero sing. do mesmo modo que *pimento* se conservou ao lado de *pimenta* (aquelle de *pimentum* e este de *pimenta*), *fado* ao lado de *fada*, (aquelle de *fatum*, este de *fata*); a terminação *-anum* daria *-ão*, como em *mão* (= *manum*), *Romão* (= *romanum*), etc. A fórmula MAÇAGOSO póde estar por **matianicosus*, vindo **matianicus* a ser um adj. derivado de *matianus* como *romanicus* de *romanus* (suff. *-icus*, vulgar); para o suff. *-osus* vid. §§ 3, 7 e 9; cfr. ainda *pedragoso* e *pedregoso* = lat. *petricosus*. — MUCEDU-SUAS ligar-se-ha ainda com a mesma família.

³ Em todas as linguas cultas ha sempre duas correntes, que ora seguem parallelamente, ora se aproximão ou encontraõ, ora se afastão: uma é a corrente popular, outra é a corrente erudita. A corrente popular conserva a tradição directa da origem da lingua; a corrente erudita manifesta influencia litteraria posterior á formação primitiva da lingua. No exemplo citado, FÃO remonta á epocha em que no nosso solo se disse *fanu'* (*fanum*), da qual deriva por uma tradição constante, desde a epocha romana até hoje; *fano* foi tirado posteriormente ao vocabulario latino por algum auctor que quiz dar aos seus escriptos um cunho especial; *fanatico*, *fanatismo*, *fanatisar*, etc., revelão já o espirito moderno de livre exame. — Esta distincção tão simples das duas correntes é desconhecida por muitos dos nossos professores e escriptores que a cada passo as confundem nas suas explicações, como eu poderia provar com livros d'aulas, etc. A distincção não offerece em geral difficuldade a quem estiver familiarisado com o methodo philologico; mas no nosso país, infelizmente, bem poucos individuos o estão!

cheologia pertence investigar se em Fão, ou nos arredores, ha, ou houve, vestigios de construcções, etc., que ~~fação rememtar~~ ^{fação rememtar} a historia da povoação moderna a uma epocha tão antiga.

12. PENAMACÔR (léde: *Penamacôr*), villa na Beira-Baixa. Antes de expôr a etymologia, que tenho como exacta, d'esta terra, e que eu tambem já publiquei ha annos na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto* (vol. iv, p. 569), vou apresentar uma lenda local, que é uma verdadeira *etymologia popular* do nome da povoação ¹. Esta lenda foi colhida pelo meu presado amigo, intelligente collega e antigo condiscipulo, Joaquim de Carvalho e Silva, medico municipal em Penamacôr, o qual se me exprimiu assim em carta do mês de Dezembro de 1886: «Havia um salteador e assassino célebre, homem feio, tostado pelo sol, *tisnado*, em fim, de — *má côr* —, que, perseguido pela justiça, se refugiou na excavação de uma rocha que se vê ainda hoje no sitio chamado do *castello*. Em volta da rocha, ou *Penha do Má côr*, construíram-se casas e fez-se a povoação que hoje existe e que ficou com o nome de *Penha do Má-côr*, mais tarde *Penamacôr*». Nesta lenda ha que notar, de um lado o instincto que assignalou o castello, o edificio talvez mais velho ² e que mais impressiona o povo, como a origem da terra; do outro os caracteres que a imaginação popular associa ao bandido, — a fealdade, a côr escura, a *má côr* ³; o que porém parece mais admiravel é que logo fosse escolhido para eponymo de Penamacôr um individuo d'aquelles, collocado tão baixo na escala social! — A precedente etymologia popular, apreciavel como documento demopsychologico, refuta-se todavia com facilidade: 1.º, porque ha muitas lendas eguaes ou semelhantes, o que nos faz suppôr immediatamente que se tracta de uma concepção commum a espiritos que vivem em condições identicas, e não de um facto real, historico; 2.º, porque de *penha* não podia phoneticamente vir *pena*. Vejamos então qual é a etymologia mais razoavel. Um grandissimo numero dos nossos nomes locaes resulta do aspecto da superficie do solo, como se vê em PEDRAS RUBRAS, PENEDO BRANCO, PENHA VERDE, PENA VERDE, PENALVA (= Pena

¹ Sobre *etymol. populares* vid. *Rev. Lusit.* pp. 56, 153 e 222.

² Segundo leio na *Chorogr.* do P. e Carvalho, o castello de Penamacôr foi fundado por D. Galdim Paes, mestre dos Templarios.

³ Todas as creanças (cuja imaginação se deve pôr em certos casos em parallelo com a do povo, esta *creança social*) tem em geral muito medo das pessoas edosas e feias, dos mendigos esfarrapados, etc., e attribuem-lhes acções perversas. Eu me recordo ainda, a este respeito, de muitos factos da minha infancia, e os exporia, se aqui fosse o logar conveniente. As proprias *entidades mythicas* com que se espantão os meninos tem nomes e caracteres em harmonia com esta ideia (por ex. a *Carantónha*, a *Maria da manta*, etc.; vêr as minhas *Trad. pop. de Portugal*, § 367 e *Rev. Lusit.*, pg. 96). Na *mythologia popular* as pobres velhas servem de typo ás *Bruzas* e *Feiticeiras*, seres tidos como malevolos; o *Diabo* é pintado com as mais negras tintas. A estes factos poderão reunir-se muitos outros para provar como do exterior, do visivel, se conclue facilmente para o invisivel; mas, como dizia o fabulista, *nec semper ea sunt quae videntur, decipit froas prima multos*.

alva), MONTE BRANCO, MONTE NEGRO, ROCHA AMARELLA, etc., etc.: de mais a mais, ao lado da palavra *penha* encontra-se *pena* (pedra), que existe na lingua commum no derivado *penedo*, (e *penedão*), e no onomastico em muitissimos casos, já independente, como PENA (que é vulgarissimo), e talvez PENE, já em compostos, como PENALTA (=Pena alta), PENA FRIA, PENA LONGA, PENA VENTOSA, PENA FIRME, PENAFIEL (=Pena fiel, d'onde o nome patrio alatinado *penafideliense*, sobre *-fidelis*), já em derivados, como PENEDA, PENEDAES, PENEDÃO e de certo PENÃO (i. é, *pen'dão* = *penedão*, augmentativo de *penedo*), PENEDELLO, PENELLA, PENESCAL (= **penascal*, de **penasco*; cfr. *penhascal*, de *penhasco*), PENIDO (suff. *-ido* § 10) e o deminut. PENIDELLO, PENINA e PENIM e PENINHA (deminutivos). PENIQUE (com o suffix. deminut. *-ique*; cfr. *-ica*; cfr. PENE = pena). PENOSO, PENOUÇOS (cfr. PEDROUÇOS); por tanto, nada de estranhar que a um sitio que tivesse um rochedo ou rochedos de má côr (côr negra, côr de sangue, etc.) se chamasse **Pena de má côr*, o que offerece analogia de sentido com os nomes LAGE MÁ, BOA VISTA, MONTE BELLO, BELLO MONTE e BELMONTE, BELLAS AGUAS, MAU VINHO, MALARRANHA (= **mala arranha* ou *mala ranha*. De facto RANHA e, ARRANHO, que suppõe o radical **arranha*, existem no onomastico; *mala* é a forma femin. do adj. lat. *malus*). Como é que de **Pena de má côr* se passou para PENAMACÔR? E' o que vou dizer. Ha aqui dois factos que notar: um, consiste na suppressão da preposição *de* que estabelece a composição da palavra; outro, na mudança de *má* em *mí*, pois toda a gente, segundo creio (pelo menos assim tenho ouvido sempre), pronuncia *penamíacôr* com os *aa* fechados e o accento tonico na syllaba final, i. é, *pena-míacôr* (como se a palavra fosse composta de *pena* e *macôr*). O primeiro facto não offerece dúbida nenhuma, pois, assim como a preposição desaparecen em *beira-mar* (= beira do mar), PENA LOBO (Pena do lobo), PENA SOL, RIBATEJO (Riba do Tejo), RIBA-UL, RIBA RIO, RIBAMAR, tambem desaparecen em **Pena-mí-côr*; o segundo facto explica-se por uma lei que poderei chamar *lei da atonia*, e que enuncio assim: *a lingua portuguesa tem tendencia em certos casos para não admittir como fazendo parte de uma palavra as vogaes atonas e e o quando abertas ou fechadas, e a vogal atona a quando aberta*. Em virtude d'esta lei que estudarei desenvolvidamente noutra occasião, a palavra *Pena-mí-côr*, cujos elementos deixarão de ter independencia psychologica para constituirem apenas *um só nome*, transformou-se em *Penamíacôr*. Assim em resumo, temos: *pena de má côr*, **Pena-mí-côr*, *Penamíacôr*.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.